



## Les Misérables: Volume Two

*Victor Hugo*

[Download now](#)

[Read Online](#) ➔

# Les Misérables: Volume Two

*Victor Hugo*

## Les Misérables: Volume Two Victor Hugo

Les Miserables is widely considered one of the greatest novels of the 19th century. First published in France in 1862, it is Victor Hugo's greatest achievement--the ultimate tale of redemption. Former prisoner Jean Valjean struggles to live virtuously after an unexpected act of forgiveness by a kindly bishop changes his life. His righteous actions change people's lives in surprising ways and culminate in romance between two young people. Now available as part of the Word Cloud Classics series, Les Miserables is a must-have addition to the libraries of all classic literature lovers.

## Les Misérables: Volume Two Details

Date : Published January 5th 1994 by Wordsworth Editions (first published 1862)

ISBN : 9781853260506

Author : Victor Hugo

Format : Paperback 512 pages

Genre : Classics, Fiction, Cultural, France

 [Download Les Misérables: Volume Two ...pdf](#)

 [Read Online Les Misérables: Volume Two ...pdf](#)

**Download and Read Free Online Les Misérables: Volume Two Victor Hugo**

---



### The story

The story is one hell of a ride. It is fast-paced, and Hugo throws several cliff-hangers at you. For a novel this long (the original French version is about 1900 pages I think) it is amazing that Hugo can keep the reader interested right until the end (exceptions are made for some of his parentheses). The Champmathieu affair, Valjean and Cosette escaping Javert in Paris, the buried alive episode, and the "imprisonment" of Valjean in the Gorbeau House especially had me at the edge of my seat. It is reading episodes like that that makes reading such a pleasure.

Throughtout the story Hugo makes sure to keep the dangers lurking just around the corner. You are never sure that your characters are safe – death, loss, murder, and the fearful galleys are never far away. Plus, not only is there a despicable, rotten family always ready to make life painful for our hero, but the criminals we are introduced to make the sinister atmosphere complete. Not that it is all dreary – you will find many light-hearted, funny and inspiring moments as well. But still, you never know how long it will last.

### The parentheses

You rarely see a review of Les Mis that leaves out what Hugo himself called his parentheses and this is no exception. Every now and then, Hugo pauses the action of the story to go off on a tangent. Some of them I can forgive him for, others are just so very boring. It's not that the parentheses are not relevant to the story, but it comes off as appendix material thrown into the middle of a good story line and it gets frustrating after awhile. Especially because, while the action is fast-paced and interesting, the parentheses are slow-going and Hugo comes off as too pedantic, because there are So. Many. Details! His research is admirable, but really, you just want to get back to the story.

The reason for all the parentheses is, I think, that Hugo saw himself as more than "just" a novelist – he wanted to change things. In The Hunchback ... he wanted to save Notre Dame, in Les Mis he wants to shed some light on the many (mal)treated outcasts in France, and especially to change the criminal laws that made the galleys such a fearful place. And I respect that, and while there are interesting asides (I found the parenthesis on the criminal Argot very interesting) there are, as I said, many boring parentheses that you have to force your way through. Or skip, if that suits you better.

Come to think of it, there are elements in this book that would normally annoy me – Hugo is pedantic and preachy and stuffs his religion down my throat, yet it doesn't annoy me in Les Mis. Maybe it's because he writes it in a non-irritating way, maybe it's because it suits the story, maybe I am willing to accept it because the rest is so brilliant. Whatever it is, Hugo doesn't annoy me. And I can only urge you to read the unabridged version of Les Misérables. You are going to love the story and the characters, and you can find out for yourself what you think of his parentheses. I think you will miss out if you get an abridged version, so take the time to sit down and read this one. And make sure you have plenty of time on your hands. It takes a few minutes to get through it?

But it is time well spent!

---

### Soma says

????? ??? ? ?  
?? ? ???? ???? ????  
????? ? ? ? ? ?  
?? ???? ? ? ? ? ?  
??? ? ? ? ? ? ? 19 ?  
????? ? ? ? ? ? ? ? ?





<https://abibliotecadajoao.blogspot.pt...>

---

### Ali AlShewail says

??? ?????? ?????? ?????? ?? ???????????.  
??? ?????? ?????? ??????????.

?????? ?????? ?????? ?? ?? ?????? ?? ?????? ?????? ?? ?????? ?????? ??????, ?????? ?? ?? ?? ?????? ??????  
????? ?? ?? ?????????? ?????????? ?????????? ?????? ?? ?? ?? ?? ?? ?????? ?????????? ?????? ?????? ?? ?????, ?? ??  
??? ?? ?????????? ?????? ?? ?????? ?????????? ?????? ?????? ?????? ?? ?? ??????.

??? ?? ?? ?????? ?????????? ?????????? ?? ?? ?????????.

---

### Marcia Estima says

Estou sem palavras... Há muito tempo que um livro não me emocionava assim...  
Um livro da vida!!  
<https://youtu.be/fvTUrWgrzO4>

---

### Foad says

????? ?? ??????:  
<https://www.goodreads.com/review/show...>

---

### Nelson Zagalo says

É um romance histórico, mas pelo número de personagens, extensão e eventos quase que o poderíamos qualificar de saga, uma saga social. Socorrendo-se de um período de grande alteração civilizacional, o pós-Revolução Francesa de 1789, Victor Hugo trabalha várias personagens históricas responsáveis pela época, mas escolhe para veículo de introdução aos factos e eventos, as classes mais baixas e desprotegidas do sistema — os ex-prisioneiros, os órfãos, as prostitutas, os pobres — os miseráveis. Deste modo, serve-se do seu sucesso e influência na sociedade francesa para ao longo de 1300 páginas, e enquanto conta uma história, dissertar sobre as leis e as morais da época. Nem tudo é perfeito mas o seu sucesso e resistência ao teste do tempo demonstram a força e atualidade da sua mensagem.

[Ler com formatação, links e videos no VI:  
<http://virtual-illusion.blogspot.com/...>]

“Os Miseráveis” foi publicado em 1862 quando Victor Hugo tinha 60 anos e era já um escritor reconhecido pelos pares a ponto de ser membro da elitista Academia Francesa desde 1841, respeitado pela sociedade política tendo sido eleito para a Assembleia Nacional em 1848, e respeitado pela sociedade em geral, não só pela sua poesia mas também pelo seu enorme sucesso obtido com “O Corcunda de Notre-Dame”. Exilado em

Inglaterra a partir de 1851 com o golpe de Napoleão III, Victor Hugo sabia bem o que continuava a representar para a França, daí que este livro, que foi escrito ao longo de quase 20 anos, tenha sido visto pelo próprio como uma espécie de legado a essa França, ainda que de desejos universalistas. Deste modo, esta obra, apesar dos problemas que irei avançar à frente, para além da história que conta, é um manifesto sobre a vida em sociedade, no qual o autor procura expressar os seus ideais e desejos para construir aquilo que acreditava poder vir a ser um mundo melhor.

"A Igualdade tem um órgão: a instrução gratuita e obrigatória. Pelo direito ao alfabeto, é por aí que devemos começar. A escola primária imposta a todos, a escola secundária oferecida a todos: é essa a lei. Da escola idêntica nasce a sociedade igual. O ensino, sim! Luz! Luz! Tudo vem da luz e tudo para lá volta. Cidadãos, o século XIX é grande, mas o século XX será feliz."

A prosa de Victor Hugo é irrepreensível. Se podemos ceder à tentação de comparar Jean Valjean com Edmond Dantés de Alexandre Dumas, as similaridades ficam-se pelos meros traços gerais da trama, já que toda a arte poética de Victor Hugo é tão elaborada e graciosa, fruto de um virtuosismo que está completamente fora do alcance de Dumas. Diga-se que a nova tradução apresentada agora pela Relógio d'Água faz verdadeiro jus à obra original, o que nos permite, em português, sorver o que de melhor nos deu a pena de Hugo. Se dúvidas houvesse, ser objeto de dedicatória de Balzac, um dos grandes pilares do cânone literário ocidental, e na obra por si considerada maior — "Ilusões Perdidas" (1843) — estando Victor Hugo ainda vivo e com apenas 41 anos, diz quase tudo o que se pode dizer sobre a qualidade da sua escrita, assim como pessoa.

É essa pessoa que temos em "Os Miseráveis". Podemos dizer, como já foi dito antes pelos irmãos Goncourt que a obra roça o "artificial". Não raras vezes damos por nós a pensar: mas existiria alguma vez alguém tão puro como o Bispo de Digne; ou como a freira que nunca mentiu; ou com a submissão infinita de Fantine; ou com a honra do dever de Javert; para não falar da gigantesca conversão e humildade inesgotável de Jean Valjean? Como diria Flaubert também, parece faltar "verdade", são tantas as coincidências que o enredo provoca que é impossível não levantar o sobrolho. Mas dissecando a obra, dedicando-lhe a devida atenção, procurando compreendê-la no seu contexto histórico e do seu autor, podemos aos poucos começar a desvelar camadas não imediatamente visíveis.

A artificialidade aqui em questão é apenas o modo narrativo escolhido por Victor Hugo para lançar os seus dados, é um contar de história popular que para tal recorre a heróis, impossibilidades, e mitos. Victor Hugo disse-o ao editor: "Eu não sei se será lido por todos, mas foi escrito para todos". Ou seja, Victor Hugo tal como Hollywood faz hoje, procurou o veículo ficcional que lhe pudesse oferecer o maior alcance possível, mas por ser a pessoa que era, não o fez pensando em ganhos financeiros, mas antes como manifesto, com objetivos puramente ativistas. Assim, se à superfície "Os Miseráveis" parece não passar de uma manta de mitos recontados ao longo da nossa história, por debaixo existe mais do que as pequenas lições que esses mitos serviam, existe uma vontade renovadora, reformadora, e progressista. Existe um ideal de sociedade, um olhar político encantado à procura de um mundo melhor, como fica explícito neste parágrafo quase no final da obra:

"O livro que o leitor tem neste momento diante dos olhos é, do princípio ao fim, no seu conjunto e nos seus pormenores, quaisquer que sejam as intermitências, as exceções ou as fraquezas, o caminho do mal para o bem, do injusto para o justo, do falso para o verdadeiro, da noite para o dia, do apetite para a consciência, da podridão para a vida, da bestialidade para o dever, do inferno para o céu, do nada para Deus."

O grande sucesso da obra de Victor Hugo pode não advir desses seus ideais para o mundo, embora seja por eles que é ainda hoje uma obra de referência obrigatória em qualquer país que siga o cânone ocidental. É um sucesso que se baseia no uso dos mitos eternos, dos arquétipos e do monómito do herói que facilmente se cola aos anseios dos seus leitores. Mas não é só, no trabalho de Victor Hugo existem elementos de pura genialidade narrativa, a um nível que nos habituámos a encontrar apenas em trabalhos da classe de

Dostoiévski. Falo da acuidade e agilidade com que desenha os devires dos seus personagens, como os interroga e expõe o seu interior, conduzindo-nos a ver e a sentir como eles, nomeadamente no desenho das condições de escolha em momentos decisivos para os seus destinos, os dilemas. Damos por nós, estacados frente à página de papel, como que frente a uma parede, numa bifurcação em que os dois caminhos se opõem, sendo igualmente relevantes mas autoexcludentes. Apetece fechar o livro e não ler para não saber o que vai ser deixado cair: deve deixar morrer e salvar-se, ou salvar e morrer; deve expor-se e perder toda uma vida de conquistas para salvar um outro, ou deve permanecer na sombra com o peso na consciência... O que Victor Hugo busca aqui é acima de tudo o escrutinar do humano, como nos diz no seguinte parágrafo:

“Há um espetáculo maior do que o mar: é o céu; há um espetáculo maior do que o céu: é o interior da alma. Escrever o poema da consciência humana, nem que fosse a respeito de um único homem, nem que seja a respeito do mais ínfimo dos homens, seria fundir todas as epopeias numa epopeia superior e definitiva. A consciência é o caos das quimeras, das ambições e das intenções, a fornalha dos sonhos, o antro das ideias de que nos envergonhamos: é o pandemónio dos sofismas, o campo de batalha das paixões. Em certos momentos, experimentem olhar para a face lívida de um ser humano que está a refletir, olhem mais além, observem-lhe a alma e contemplem-na nessa obscuridade. Sob o silêncio exterior, desenrolam-se aí combates de gigantes como em Homero, batalhas de dragões e hidras e revoadas de fantasmas como em Milton e espirais visionárias como em Dante. Que coisa sombria é este infinito que cada homem arrasta consigo e pelo qual regula com desespero as vontades do cérebro e as ações da vida!”

Naturalmente muitas destas questões funcionam apenas no calor da história que está a ser contada, porque rapidamente percebemos que o valor da vida não é o mesmo sempre, nem para todos. Os soldados que morrem num campo de batalha, ou os manifestantes que morrem numa barricada, parecem não passar de peões. É contudo interessante verificar como esta questão tem também sido discutida noutros meios narrativos, sendo bastante comum no cinema de Hollywood, ou nos videojogos, sendo reconhecido pela sua definição psicológica, “dissonância cognitiva”. Isto deve-se em parte ao uso dos mitos, o modo como estes são facilmente aceites como supra-realidade, analogias de um mundo mágico, no qual as condições de verdade são por vezes suspensas, para assim se poder intensificar a emoção e enfatizar o sentimento pretendido. Não é por acaso que Victor Hugo cita inúmeras vezes Homero, Dante ou Milton ao longo do texto.

Dito tudo isto, justificadas as razões porque considero “Os Miseráveis” uma obra de referência e que continuará a eternizar-se, quero contudo apontar o ponto que considero, não como negativo, mas como menos conseguido artisticamente em toda a obra, e que é talvez aquele que fez Baudelaire, em privado, considerar o texto “incompetente”. Falo das digressões e ensaios que perfazem nada menos que o 1/3 do livro, 450 páginas em 1300. Claro que como disse um dos biógrafos de Victor Hugo, “as digressões dos génios são facilmente perdoadas”, mas não quero por isso deixar de explicitar e discorrer sobre este ponto, tendo em conta a permanência da sua relevância para as artes narrativas.

Quero começar por separar as digressões dos ensaios, dizendo que não foram as digressões em si, comuns em tantas e tantas obras de grandes autores que me chocaram. Embora sobre estas ainda, deva dizer que pecam por verborreia e cargas metafóricas baseadas na mera interpretação pessoal da realidade, muitas vezes desprovidas de suporte em factos, estudos ou trabalhos, apresentando-se assertivamente, e por vezes mesmo algo arrogantes, como se do pedestal do seu observatório Victor Hugo se arvorasse em dono da verdade. Contudo como digo, o maior problema, em termos da obra como um todo, surge na forma de autênticos ensaios, ou seja, blocos integrais de texto com pouca ou nenhuma relevância para a narrativa.

Na introdução de muitos destes blocos o narrador, que se confunde com o autor, dá-se ao luxo de dizer na cara do leitor: espere aí que agora tenho de lhe contar aqui uma outra coisa, que para mim é também muito interessante. São dezenas de vezes em que literalmente diz isto aos leitores, chegando a criar um Livro (rótulo atribuído aos conjuntos de capítulos dentro da obra) inteiro que intitula de “Parêntesis”, para dissertar sobre mosteiros, abadias e deveres religiosos, quando ainda no Livro imediatamente anterior tinha já

digressionado fartamente sobre a construção de um convento e as suas religiosidades. Noutros, como “Waterloo”, discute batalhas e estratégias de guerra; para pouco depois criar outro livro “Páginas de História” e discutir a revolução de 1830 em Paris; e mais à frente ainda dedicar todo um outro livro ao dia “5 de Junho 1832” em Paris. Pelo meio temos livros como “Paris no seu átomo” em que se apresenta um estudo das crianças abandonadas nessa cidade; outro como “Calão” em que se observa o modo como nasce o calão nas ruas de Paris; ou ainda “Patron Minette” em que se discute a formação de uma quadrilha em Paris; ou por último um inteiramente dedicado à razão e funcionamento das redes de esgotos de Paris.

O que é que estes textos fazem no meio de um livro que tem como personagem principal Jean Valjean? Ou secundárias como Fantine, Cosette, Marius, Javert, ou o Bispo de Digne? Nada, porque nenhuma destas personagens é mencionada em nenhum destes capítulos. Eles foram escritos por Victor Hugo como textos autónomos, independentes da trama, alheios ao discorrer da narração, assim como aos destinos dos personagens. São textos que demonstram o conhecimento e trabalho profuso de Victor Hugo, mas são textos que demonstram incompetência pela falta de artifício narrativo no fusionar de factos e do contar de história. É verdade que isto está longe de ser algo fácil, veja-se como o cinema tem dificuldade em o fazer, acabando por optar por diferenciar-se claramente entre filmes de ficção e filmes de documentário, ou como os videojogos educativos falham cabalmente. O chamado edutainment (entretenimento educativo) é difícil de criar, mesmo num campo mais abstrato como a literatura, por isso temos tal como no cinema a ficção e a não-ficção, mas existem excepções.

Enquanto Victor Hugo se debatia sobre a metodologia a adotar na criação do seu livro de ficção carregado de factos, Leo Tolstoi avançava e mostrava como fazê-lo. Se colocados lado a lado, “Os Miseráveis” (1862) e “Guerra e Paz” (1869), Victor Hugo falha “miseravelmente”. O Pierre Bezukhov de Tolstoi viveu a batalha da Invasão Francesa da Rússia, sentiu o palpitar de uma Moscovo sitiada, e com ele levou-nos a experienciar todos esses eventos históricos por dentro. Já Jean Valjean nunca chega a saber quem foi Napoleão, nem porque raio as pessoas se envolvem em revoluções. Deste modo, apesar de ambas apresentarem fortes tramas e factos reais, os modos como o fazem são não só diferentes, como providenciam aprendizagens históricas efetivas bastante distintas. Aliás, basta olhar para a história das publicações de cada uma destas obras.

Existem muito poucas obras resumidas de “Guerra e Paz”, já de “Os Miseráveis” abundam, o nosso Plano Nacional de Leitura chega a recomendar uma dessas versões, o que nos diz que as partes históricas, os tais ensaios, normalmente extirpados destas versões, precisam de acompanhamento para chegar à maioria dos leitores. Ou seja, é uma obra que claramente aconselha o estudo em escolas, para que os professores possam ir contextualizando e trabalhando os dados históricos do livro com os alunos, não os deixando à mercê de factos complexos e em torrente.

Por outro lado, terá sido também a facilidade com o que se podem recortar esses blocos do livro, sem impacto na trama, que terá conduzido ao seu sucesso popular. Existem mesmo listas de aconselhamento sobre os capítulos que se podem evitar. É muito provável que o facto de “Guerra e Paz” ser pouco lido se deva menos à sua extensão e mais às suas digressões e relato de eventos históricos que acabam por não ser tão facilmente tolerados pelo leitor comum, mais habituado a focar-se no enredo. E talvez também por essa facilidade de extrair as partes mais ensaísticas, as adaptações de “Os Miseráveis” tenham tido tanto sucesso, com mais de meia centena realizada pelo meio audiovisual, sendo que um dos musicais adaptados permanece em cena há mais de 30 anos.

Para fechar, e socorrendo-me do musical, talvez o fruto mais expressivo do sucesso desta obra, quero referir um facto apontado pelo produtor Cameron Mackintosh, que disse numa entrevista que parte do revigorar do sucesso da adaptação “Les Mis” ao chegar ao marco dos 25 anos, se deveu ao fenómeno surgido num programa da televisão inglesa, Susan Boyle. Surgindo como revelação no concurso “Britain Got Talent”, a cantar o tema do musical “I Dreamed a Dream”, encarnava pela história da sua vida, o fundamento de tudo aquilo que Victor Hugo nos quis deixar como legado. No final de “Os Miseráveis” Jean Valjean pode não ser um grande conhecedor da História que o rodeou ao longo de todas aquelas páginas, mas o leitor não poderá

dizer que não percebeu o porquê de Jean Valjean ter vivido como viveu.

[vídeo]

[Susan Boyle no concurso Britain Got Talent canta "I Dreamed a Dream"]

Publicado, com formatação, links e videos no VI:

<http://virtual-illusion.blogspot.com/...>

---

### ???? says

?????? .. ?? ????? ? ???? ????????? ??????????  
???? ?? ??????? ??? ?? ????? ????? ? ?? ????? ? ?????? ? ??????? ? ??????? ? ??????? ???? ?? ????? ??  
???? ??????? ..  
?? ????? ????? ????? ???? ? ???? ?? ??????? ..  
???????? ???? ???? ???? ???? ???? ???? ????? ?????????? ? ???? ???? ???? ???? ??????? ???? ???? ??  
???????? ???? ?? ..  
???????? ????????? ???? ..

---